

PRODUÇÃO DO ESPAÇO E MOBILIDADE DO TRABALHO NA CONSTRUÇÃO DE USINAS HIDRELÉTRICAS

Gean de Sales Ferreira ¹
Danilo Volochko ²

RESUMO

O presente estudo apresenta o interesse em discutir e problematizar a produção do espaço e do cotidiano à luz da mobilidade do trabalho na construção de usinas hidrelétricas. A produção do espaço vai além da materialidade da usina hidrelétrica no espaço geográfico, ao se considerar a dimensão socioespacial dos peões de obra, contemplando a existência da vida e a reprodução das relações sociais. A demanda por mão de obra para a construção de usinas hidrelétricas, leva os peões de obra a se deslocarem de obra em obra, de município em município, em busca de vaga de emprego, resultando no assalariamento, o que não se traduz especificamente em melhores condições de vida. As questões relacionadas à moradia, condições de trabalho, alimentação, saúde, educação, família, sociabilidade, lazer e deslocamentos, não são garantidas, evidenciando as contradições existentes nesse processo. Nesta perspectiva, o estudo tem como objetivo analisar a produção do espaço pela lógica da matriz energética brasileira baseada na construção de usinas hidrelétricas. Isso requer a compreensão dos processos socioespaciais relacionados à produção do espaço, mobilidade do trabalho, migração e ao cotidiano dos peões de obra, ao momento que se revela conflitos, contradições e experiências de alienação nas relações sociais e suas reproduções. Quanto a metodologia, foram realizados alguns procedimentos, incluindo uma revisão bibliográfica para fundamentar os conceitos-chave de natureza teórico-metodológica, bem como um levantamento e análise documental para melhor compreender os processos que envolvem a produção do espaço pela lógica da matriz energética brasileira baseada na construção de usinas hidrelétricas.

Palavras-chave: Produção do Espaço, Cotidiano, Mobilidade do Trabalho, Migração, Usina Hidrelétrica.

ABSTRACT

This study aims to discuss and problematize the production of space and daily life in light of labor mobility in the construction of hydroelectric power plants. The production of space extends beyond the materiality of the hydroelectric plant in the geographic space when considering the socio-spatial dimension of construction workers, encompassing the existence of life and the reproduction of social relations. The demand for labor in the construction of hydroelectric power plants leads construction workers to move from project to project, from municipality to municipality, in search of employment opportunities, resulting in wage labor that does not necessarily translate into improved living conditions. Issues related to housing, working conditions, food, health, education, family, sociability, leisure, and transportation are not guaranteed, highlighting the contradictions in this process. From this perspective, the study aims to analyze the production of space through the logic of the Brazilian energy matrix based on the construction of hydroelectric power plants. This requires an understanding

¹ Doutorando no Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal do Paraná – PPGGEO/UFPR, geandesalesferreira@gmail.com;

² Professor orientador Doutor no Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal do Paraná – PPGGEO/UFPR, danilovolochko@gmail.com;

of the socio-spatial processes related to space production, labor mobility, migration, and the daily lives of construction workers, revealing conflicts, contradictions, and experiences of alienation in social relations and their reproductions. Regarding the methodology, several procedures were carried out, including a literature review to support key theoretical-methodological concepts and a documentary survey and analysis to better understand the processes involving the production of space through the logic of the Brazilian energy matrix based on the construction of hydroelectric power plants.

Keywords: Space Production, Everyday Life, Labor Mobility, Migration, Hydroelectric Power Plant.

INTRODUÇÃO

O estudo busca discutir e problematizar a produção do espaço e do cotidiano à luz da mobilidade do trabalho na construção de usinas hidrelétricas. Ao explorar essa dinâmica, é fundamental considerar não apenas a materialidade das infraestruturas, mas também a dimensão socioespacial, que está relacionado à vida cotidiana dos peões de obra na construção de usinas hidrelétricas, que, neste contexto, revela conflitos, contradições e experiências de alienação.

Epistemologicamente, o espaço foi concebido como materialidade do processo do trabalho. De acordo com Moreira (1985), espaço e trabalho mantêm uma relação de aparência e essência – o espaço geográfico é a aparência na perspectiva do processo histórico concreto, enquanto o trabalho é a essência, derivada da relação homem com o meio. Segundo Lefebvre (2006) o espaço não abrange apenas as coisas produzidas, mas é compreendido como reprodução das relações sociais de produção. Assim, Corrêa (2018) considera que o espaço é o *locus* da reprodução das relações sociais de produção, com práticas sociais que envolvem diferentes grupos que nele produzem, circulam, consomem, lutam, sonham, que vivem e fazem a vida caminhar.

Nesta perspectiva, Carlos (1986) considera que, ao analisar o espaço geográfico, é necessário repensar a noção de espaço apenas como produto, uma vez que ele é também condição e meio do processo de reprodução da sociedade. Isso requer a consideração do sujeito, sua vida, seus valores, sua cultura, suas lutas, anseios e projetos, ou seja, é necessário considerar a dimensão da reprodução da vida cotidiana.

Para Carvalho (2000), o cotidiano é a vida de todos os dias, com os mesmos gestos, ritos e ritmos, e faz parte de todas as esferas na sociedade, sendo no âmbito do trabalho, da moradia, da família, das relações sociais, do lazer, etc. De acordo com a autora, a vida

cotidiana é um conjunto de atividades que caracteriza a reprodução social, ao momento que nela se aprende as relações sociais e as reproduz enquanto instrumento de sobrevivência.

A relação de alienação do trabalho, transforma a sociedade em massa alimentada pela fetichização, ao momento que a vida cotidiana apresenta gestos comuns, de uniformidade e padronização dos desejos e das necessidades, que são fetichizados e controlados, que reproduz a lógica dos opressores e dos oprimidos (CARVALHO, 2000).

Conforme observado por Carlos (1986), a produção espacial revela as contradições inerentes a uma sociedade moldada pelo modo de exploração do trabalho pelo capital. A construção de usinas hidrelétricas desencadeia implicações socioespaciais carregadas de conflitos, contradições e experiências de alienação. A demanda por de mão de obra, que é proveniente de diversas regiões do Brasil, leva os trabalhadores a se deslocarem de obra em obra, de município em município, onde as usinas hidrelétricas estão e/ou serão construídas, em busca de emprego. Este constante processo de deslocamentos – de obra em obra – confere aos trabalhadores a designação de peões de obra³.

Os incentivos e licenças de autorização para a construção de várias usinas hidrelétricas na Região Sul do país, mais especificamente nos estados do Paraná e de Santa Catarina, têm resultado em processos de deslocamentos de peões de obra. Estes deixam seus locais de origem em busca de emprego e salário para manter e sustentar suas famílias, as quais, na maioria das vezes, não conseguem acompanhá-los e permanecem em seus municípios de origem.

Nesta perspectiva, o estudo tem como objetivo analisar a produção do espaço pela lógica da matriz energética brasileira baseada na construção de usinas hidrelétricas. Isso requer a compreensão dos processos socioespaciais relacionados à produção do espaço, mobilidade do trabalho, migração e ao cotidiano dos peões de obra, ao momento que se revela conflitos, contradições e experiências de alienação nas relações sociais e suas reproduções.

Foram realizados procedimentos metodológicos, incluindo uma revisão bibliográfica e um levantamento documental, que auxiliaram para delimitar o recorte teórico-metodológico do estudo, permitindo uma melhor compreensão dos processos que envolvem a produção do espaço pela lógica da matriz energética brasileira baseada na construção de usinas hidrelétricas.

³ O termo “peão e/ou peão de obra” foi apropriado a partir dos estudos de DAMIANI, A. L. **Cubatão: na busca das favelas o encontro do “peão” que permanece**. Boletim Paulista de Geografia, p. 75-104, 1986.

O estudo tem como base metodológica a abordagem qualitativa, que busca reconhecer e analisar a existência das relações sociais, a partir de uma interpretação de fatos sociais carregados de conflitos e contradições (RAMIRES; PESSOÃ, 2013). Essa abordagem permite a utilização de diversos procedimentos, como observação, entrevistas, pesquisa bibliográfica e documental, entre outras (SILVA; MENDES, 2013).

Neste sentido, o estudo realizou alguns desses procedimentos, incluindo uma revisão bibliográfica para fundamentar os conceitos-chave de natureza teórico-metodológica, bem como um levantamento e análise documental, incluindo portais de notícias, diários oficiais, revistas e jornais com publicações legais, para melhor compreender os processos que envolvem a produção do espaço pela lógica da matriz energética brasileira baseada na construção de usinas hidrelétricas.

REFERENCIAL TEÓRICO

Com base no recorte teórico-metodológico, o estudo concentrou a discussão central nos conceitos de produção do espaço, cotidiano, mobilidade do trabalho e migração. Se tornou relevante e essencial compreender os processos socioespaciais emergentes a partir da produção do espaço pela lógica da matriz energética brasileira baseada na construção de usinas hidrelétricas, dentro do contexto da ciência geográfica.

Ao explorar a concepção da produção do espaço, Lefebvre (2006) reuniu os diversos espaços e as modalidades de sua gênese numa teoria. O autor propõe uma concepção tríade do espaço, que inclui o espaço percebido (prática do espaço) que é o da prática social e da realidade cotidiana, o espaço concebido (representação do espaço) que é o projetado, planejado e dominante numa sociedade e num modo de produção e o espaço vivido (espaços de representação) que é o produzido pelas relações sociais, políticas, culturais e econômicas, e é imprescindível que eles sejam reunidos e compreendidos com relação uns aos outros. Nesta perspectiva, a concepção do espaço para o autor é entendida como produto social construído pelas relações sociais.

Segundo Lefebvre (2006), a prática social se compõe de ritmos cotidianos, que Carvalho (2000), considera como a vida de todos os dias, que deve ser entendida como fonte de conhecimento da prática social. Para a autora, a vida cotidiana é a fonte de investigação



que revela como o Estado e as forças produtivas capitalistas alienam, controlam e melhor aproveitam a vida diária, de acordo com seus interesses.

Para Carvalho (2000, p. 20):

É assim que a vida cotidiana é, para o Estado e para as forças capitalistas, fonte de exploração e espaço a ser controlado, organizado e programado. Nesse processo gerenciador e controlador, as classes médias foram instituídas como pronto de apoio e mediação. No mundo moderno, elas são o veículo através do qual se expande e se homogeneiza um modo de vida cotidiano. **Por exemplo**, a moda que elas trazem, intitulada muitas vezes como revolução cultural, nada mais é, na maioria das vezes, que um reformismo carregado de ilusão e reforçador do consumismo alienante (**Grifo nosso**).

No cotidiano, há uma centralidade na produção e reprodução da sociedade capitalista, que revela conflitos, contradições e experiências de alienação, controle e dominação, do qual a lógica do trabalho está condicionada. A vida cotidiana dos peões de obra é uma dimensão importante para compreender a produção do espaço pela lógica da matriz energética brasileira baseada na construção de usinas hidrelétricas.

A necessidade de mão de obra para a construção de usinas hidrelétricas e a disposição de peões de obra em se deslocar de obra em obra, de município em município, caracteriza o que Gaudemar (1977) definiu como mobilidade do trabalho. De acordo com o autor, no contexto do modo de produção capitalista, baseado na propriedade privada e na busca pelo lucro, o trabalho adquiriu uma nova dimensão, ao momento que o trabalhador vende sua capacidade de trabalho e faz uso da força de trabalho como mercadoria móvel. A força de trabalho é considerada como uma mercadoria produtiva, a qual se troca por capital e acaba formando um mercado de trabalho, que é reflexo do modo de produção capitalista.

Assim, Gaudemar (1977, p. 190) afirma que:

[...] a força de trabalho deve ser móvel, isto é, capaz de manter os locais preparados pelo capital, quer tenha sido escolhidos quer impostos; móvel quer dizer apta para deslocamentos e modificações do seu emprego, no limite, tão indiferente ao conteúdo do seu emprego como o capital o é de onde investe, desde que o lucro extraído seja satisfatório.

Para Melchior (2010), a mobilidade do trabalho representa a propriedade que todo homem possui enquanto trabalhador, e tem por consequência a venda da força de trabalho. A autora considera o trabalho como o uso ou o emprego da força de trabalho em uma relação de troca de mercadorias, em que a força de trabalho como mercadoria, é trocada por outras mercadorias e/ou produtos. Segundo Gaudemar (1977) é com a utilização da força de trabalho

que ocorre o processo de submissão do trabalhador em relação ao capital, seguindo às formas e transformações da organização e do processo de trabalho.

É a partir da venda da força de trabalho que o trabalhador é condicionado ao processo de migração entre os mais diversos setores da economia, estando sujeito às demandas do capital (BRITO, 2007). Neste contexto, a migração representa a expressão prática da mobilidade do trabalho, envolvendo o deslocamento no espaço geográfico. Esse processo de migração é definido como a mobilidade espacial da população e é abordado como um mecanismo de deslocamento populacional que reflete mudanças nas relações sociais, produtivas e também no seu ambiente físico (BECKER, 2012).

A migração dos peões de obra sentido aos municípios onde estão e/ou serão construídas as usinas hidrelétricas é decorrente da polarização capitalista do espaço, impulsionada pela lógica da matriz energética brasileira baseada na construção de usinas hidrelétricas. Os deslocamentos dos peões de obra na busca por vaga de emprego, resultando no assalariamento, não se traduz especificamente em melhores condições de vida. As questões relacionadas à moradia, condições de trabalho, alimentação, saúde, educação, família, sociabilidade, lazer e deslocamentos, não são garantidas, evidenciando as contradições existentes nesse processo.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A lógica e estratégia de uso da energia hidrelétrica no Brasil remonta a meados do século XX, tendo inicialmente as regiões Sudeste e Sul como exploração do potencial hidrelétrico impulsionados pela concentração dos centros de consumo nessas regiões, e posteriormente com a exploração do potencial hidrelétrico das regiões Nordeste e Norte do país (TOLMASQUIM, 2005). Foi a partir do nível de conhecimento do potencial hidrelétrico do país que o governo brasileiro seguiu com expansões significativas na construção de usinas hidrelétricas. Consequentemente, a matriz energética brasileira alcançou como principal fonte de produção as usinas hidrelétricas, que atualmente representa quase dois terços da geração de energia e da capacidade instalada no país, de acordo com a Secretaria de Planejamento e Desenvolvimento Energético do Ministério de Minas e Energia.

Neste cenário, a Região Sul do Brasil representa 23% da capacidade total de energia elétrica do país, a partir da geração proveniente de diversas fontes. A fonte hidrelétrica é responsável por 82% da capacidade de energia elétrica instalada na região. Referente aos estados que compõem a região, o estado do Paraná concentra 58% da capacidade hidrelétrica



instalada na região, o estado de Santa Catarina concentra 18% e o estado do Rio Grande do Sul representa 24% (SIFFERT FILHO *et al.*, 2015).

De acordo com o Instituto Ambiental do Paraná (IAP), o Governo do Estado do Paraná autorizou no mês de maio de 2020, a construção e a regularização de 15 projetos de geração de energia hidrelétrica. A partir da Lei nº 20.208, serão construídas duas Pequenas Centrais Hidrelétricas (PCHs) e treze Centrais Geradoras Hidrelétricas (CGHs) que somam 41,45 MW de potência (ALEP, 2020). No estado de Santa Catarina, a Secretaria de Estado de Desenvolvimento Econômico e Sustentável informou que a Associação Brasileira de PCHs e CGHs solicitou em dezembro de 2020 a agilidade e liberação de 70 projetos de geração de energia hidrelétrica para a construção no estado catarinense, com estimativas de 352,57 MW de geração de energia elétrica. Em setembro de 2021, o Governo de Santa Catarina reforçou que há planejamentos de expansão e ampliação da geração de energia hidrelétrica no estado catarinense. Desde 2021, o Instituto do Meio Ambiente (IMA) já emitiu 81 licenças ambientais para que Pequenas Centrais Hidrelétricas (PCHs) e Centrais Geradoras Hidrelétricas (CGHs), permitindo o início das obras e viabilizando a entrada na operação dos projetos de geração de energia hidrelétrica (SANTA CATARINA, 2022).

A construção dos projetos de geração de energia hidrelétrica na região vai além da materialidade da usina hidrelétrica no espaço geográfico. Há uma dimensão da existência da vida dos migrantes peões de obra vinculado ao trabalho e articulado com o cotidiano que releva conflitos, contradições e experiências de alienação. É necessário considerar a participação dos peões de obra no processo de produção do espaço, seja com a efetivação da sua força de trabalho na construção de usinas hidrelétricas, seja na fase de residência no município onde a obra está sendo construída, como também na dimensão do cotidiano dos peões de obra, que acaba resultando uma influência na forma de apropriação e reprodução das relações sociais.

Para Duarte (2015) o cotidiano está delineado por suas atividades rotineiras no âmbito que mantém a vida, bem como possibilita reinventá-la, e que alguns elementos fazem parte da manutenção da vida diária na premissa de um conjunto de estratégias para sobreviver, sendo pela moradia, trabalho, alimentação, saúde, educação, família, sociabilidade, lazer e deslocamentos.

Alguns estudos apresentam que os peões de obra acabam residindo em alojamentos⁴ próximos ao canteiro de obra onde estão sendo construídas as usinas hidrelétricas, ficando em condições de isolamento e segregação no que se refere ao acesso à cidade e seus equipamentos, e em situações muitas das vezes precárias. Em alguns casos, também acontece de a família⁵ migrar junto, de município em município, de casa em casa, refletindo numa mudança e estranhamento em relação ao lugar de moradia que sempre é interrompida.

Duarte (2015) afirma que é através do trabalho que o ser humano e sua vida cotidiana e social se reproduzem. Lefebvre (2006) considera que é a partir das práticas cotidianas que os sujeitos constroem, transformam e significam os espaços que vivem. Para o autor, é a partir desse processo que é possível compreender como o espaço é produzido e transformado, e como as relações sociais são expressas e reproduzidas no espaço. O autor ressalta que as práticas sociais são moldadas pelas relações sociais desiguais.

Volochko (2011) ao estudar a produção de novas espacialidades nas periferias da metrópole de São Paulo, explica a existência de uma forma do cotidiano desigual, que ao se reproduzir, acaba sofrendo transformações, incorporando novos elementos de caráter capitalista, como aquisição de objetos e mercadorias quaisquer. No entanto, este processo ocorre na medida de um crescimento sem um efetivo desenvolvimento social, configurando-se como um processo socioespacial contraditório.

Na dinâmica da produção do espaço pela lógica da matriz energética brasileira baseada na construção de usinas hidrelétricas, os deslocamentos dos peões de obra na busca pelo emprego e, conseqüentemente, no assalariamento para a manutenção da vida diária, não se traduz especificamente em melhores condições de vida. Isso se evidencia ao momento que as questões relacionadas à moradia, condições de trabalho, alimentação, saúde, educação, família, sociabilidade, lazer e deslocamentos, não são garantidas, evidenciando as contradições existentes nesse processo.

Assim, a lógica e a estratégia de uso da energia hidrelétrica no Brasil, baseada na construção de usinas hidrelétricas, reflete na produção de um processo socioespacial carregado de conflitos, contradições e experiências de alienação nas relações sociais dos peões de obra. Esse processo se reproduz no âmbito da vida cotidiana, de acordo com os interesses das forças produtivas capitalista, para melhor aproveitar a vida diária.

⁴ Referência: SOUZA, A. T. de. **As políticas de gestão da força de trabalho e as condições de vida do trabalhador das obras barrageiras**. São Paulo: Travessia, p. 25-28. jan./abr., 1990.

⁵ Referência: DUARTE, D. A. **(Des)encontros trabalho-família: narrativas de familiares de trabalhadores migrantes do setor de produção de energia hidrelétrica**. São Paulo: Editora UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2015.



Nesta perspectiva, se justifica a relevância e a importância no âmbito da ciência geográfica, em discutir e problematizar a produção do espaço pela lógica da matriz energética brasileira baseada na construção de usinas hidrelétricas, ao momento que a vida cotidiana dos peões de obra revela conflitos, contradições e experiências de alienação nas relações sociais, que são reproduzidas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As licenças de autorização por parte dos órgãos responsáveis no estado do Paraná, o IAP, e no estado de Santa Catarina, o IMA, para a construção de usinas hidrelétricas, tem como reflexo processos de deslocamentos de peões de obra, em busca de vaga de emprego nas obras que já estão em construção, bem como nas quais irão iniciar seu processo de construção. Nessa dinâmica se considera uma ampliação da produção do espaço, que vai além da materialização das usinas hidrelétricas no espaço geográfico, que está relacionado à dimensão socioespacial carregada de conflitos, contradições e experiências de alienação nas relações sociais dos peões de obra, que se reproduz no âmbito da vida cotidiana, de acordo com os interesses das forças produtivas capitalista.

A vaga de emprego e, conseqüentemente, o assalariamento são fundamentais para a manutenção da vida diária dos peões de obra, no que se refere a moradia, condições de trabalho, alimentação, saúde, educação, família, sociabilidade, lazer e deslocamentos. No entanto, essas garantias no que se refere a manutenção da vida diária dos peões de obra não são asseguradas, o que evidencia conflitos, contradições e alienação existentes nesse processo.

Portanto, o aprofundamento das relações capitalistas a partir do modelo energético brasileiro baseado nas usinas hidrelétricas, acaba por instituir uma forma de produção do espaço, do qual os peões de obra participam deste processo, tanto com a efetivação da sua força de trabalho, quanto na forma de apropriação e reprodução das suas relações sociais cotidianas no espaço.

REFERÊNCIAS

ASSEMBLEIA LEGISLATIVA DO PARANÁ. Projeto de Lei nº 20.208. **Aprova a construção de empreendimentos hidrelétricos e de geração de energia.** Curitiba, 2020.



BECKER, O. M. S. **Mobilidade espacial da população: conceitos, tipologia, conceitos.** In: CASTRO, I. E. de; GOMES, P. C. da C.; CÔRREA, R. L. (Org.). Explorações geográficas: percursos no fim do século. 5ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Editora, 2012.

BRITO, F. **As migrações internas no Brasil: um ensaio sobre os desafios teóricos recentes.** Taller CELADE de Migracion Interna, Brasília, 2007.

CARVALHO, M. do C. B. de. **O conhecimento da vida cotidiana: base necessária à prática social.** In: NETTO, J. P.; CARVALHO, M. C. B. de. (Org.). Cotidiano: conhecimento e crítica. 5ª ed. São Paulo: Cortez Editora, 2000.

CARLOS, A. F. A. **(Re) produção do espaço urbano: o caso de Cotia.** 1986. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo.

CORRÊA, R. L. **Espaço: um conceito-chave da Geografia.** In: CASTRO, I. E. de; GOMES, P. C. da C.; CORRÊA, R. L. (Org.). Geografia: Conceitos e Temas. 18ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Editora, 2018.

DUARTE, D. A. **(Des)encontros trabalho-família: narrativas de familiares de trabalhadores migrantes do setor de produção de energia hidrelétrica.** São Paulo: Editora UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2015.

GAUDEMAR, J. P. de. **Mobilidade do trabalho e acumulação do capital.** Lisboa: Editorial Estampa, 1977.

LEFEBVRE, H. **A produção do espaço.** Trad. Doralice Barros Pereira e Sérgio Martins (do original: La production de l'espace. 4ª ed. Paris: Éditions Anthropos, 2000). 1ª ver. fev./2006.

MELCHIOR, L. **Redes sociais e migrações laborais: múltiplas territorialidades. A comunidade nipo-brasileira de Ourinhos (SP).** In: SPOSITO, E. S.; BOMTEMPO, D. C.; SOUZA, A. A. (Org.). Geografia e migração: movimentos, territórios e territorialidades. São Paulo: Editora Expressão Popular, 2010.

MOREIRA, R. **O que é Geografia.** 4ª ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1985.

RAMIRES, J. C. de L.; PESSÔA, V. L. S. **Pesquisas qualitativas: referências para pesquisa em geografia.** In: MARAFON, G. J.; RAMIRES, J. C. de L.; RIBEIRO, M. A.; PESSÔA, V. L. S. (Orgs.). Pesquisa Qualitativa em Geografia: reflexões teórico-conceituais e aplicadas. Rio de Janeiro: Eduerj, p. 207-221, 2013.

SANTA CATARINA. Secretaria de Estado de Desenvolvimento Econômico e Sustentável. **A Associação Brasileira de PCHs e CGHs solicitou em dezembro de 2020 a agilidade e liberação de 70 empreendimentos de geração de energia hidrelétrica.** SC/2022.

SIFFERT FILHO, N. F. *et al.* **O BNDES e a questão energética e logística da Região Sul.** 2015.

SILVA, J. M.; MENDES, E. de P. **Abordagem qualitativa e Geografia: pesquisa documental, entrevista e observação.** In: MARAFON, G. J.; RAMIRES, J. C. de L.;



XV
ENAN
PECE

ENCONTRO NACIONAL DE
PÓS-GRADUAÇÃO E
PESQUISA EM GEOGRAFIA

RIBEIRO, M. A.; PESSÔA, V. L. S. (Orgs). Pesquisa Qualitativa em Geografia: reflexões teórico-conceituais e aplicadas. Rio de Janeiro: Eduerj, p. 207-221, 2013.

TOLMASQUIM, M. T. **Geração de Energia Elétrica no Brasil**. Rio de Janeiro: Ed. Interciência, 2005.

VOLOCHKO, D. **Novos espaços e cotidiano desigual nas periferias da metrópole**. Tese (Doutorado em Geografia). Departamento de Geografia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.